

Recebimento: 24/12/2019

Aceite: 24/04/2020

JOVENS RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL/BRASIL: QUESTÕES DE GÊNERO NA SUCESSÃO GERACIONAL

RURAL YOUTH FROM RIO GRANDE DO SUL/BRAZIL: GENDER ISSUES IN GENERATIONAL SUCCESSION

Raquel Breitenbach¹
Graziela Corazza²

Resumo

Questões de diferenciação de gênero no processo de sucessão familiar rural no Brasil estão presentes no cenário machista que compromete o futuro do meio rural. Levando em consideração estes aspectos, objetivou-se identificar se as jovens mulheres rurais do Rio Grande do Sul (RS) projetam seu futuro no campo, pretendem ser sucessoras da propriedade rural de sua família, ou vislumbram um futuro no meio urbano. Aliado a isto, buscou-se identificar fatores que influenciam a sucessão familiar e a permanência destas jovens no campo, bem como possíveis distinções de gênero envolvidas neste processo. Para o levantamento de dados quantitativos utilizou-se de questionário fechado, aplicado no segundo semestre de 2018 a 743 jovens homens e mulheres rurais que cursavam o Ensino Médio no RS. Pode-se constatar que, apesar de 47,9% dos jovens terem interesse em permanecer no meio rural, as jovens mulheres, quando comparadas aos jovens homens, além de serem menos incentivadas pelos pais a permanecer na propriedade, têm menos interesses em todos os aspectos que se relacionam com o meio rural, como: ser sucessor (28,6%), ser gestor (31,5%), e permanecer na propriedade (33,5%). O não reconhecimento e desvalorização do trabalho feminino, as dificuldades encontradas no trabalho no campo, além de possibilidades de profissionalização e ganho de autonomia no meio urbano, impulsionam o interesse das jovens mulheres em sair do meio rural.

Palavras-chave: Jovens mulheres. Agricultura familiar. Passagem do patrimônio.

Abstract

Gender issues involved in the process of rural succession in Brazil are present in the research agenda related to concern for the future of rural areas. Taking these aspects into consideration, the objective was to identify whether young rural women from Rio Grande do Sul (RS) project their future in the countryside, intend to be successors of their family's rural property, or envision a future in the urban environment. Allied to this, we sought to identify factors that influence family succession and the permanence of these young people in the field, as well as possible gender distinctions involved in

¹ Doutora em Extensão Rural (UFSC). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Sertão – RS, Brasil. E-mail: raquel.breitenbach@sertao.ifrs.edu.br

² Engenheira Agrônoma (IFRS). Discente do curso de formação pedagógica de docentes para a educação básica e profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Sertão – RS, Brasil. E-mail: grazielaacorazza@yahoo.com.br

this process. For the survey of quantitative data we used a closed questionnaire, applied in the second half of 2018 to 743 young rural men and women who attended high school in RS. Although 47.9% of young people are interested in staying in rural areas, young women, when compared to young men, are less encouraged by their parents to stay on the property, have less interest in all aspects that address rural issues, such as being a successor (28.6%), being a manager (31.5%), and stay on property (33.5%). Issues related to non-recognition of female work and the difficulties encountered in working in the countryside, as well as possibilities for professionalization and gain of autonomy in the urban environment, drive the interest of young women in leaving the countryside.

Keywords: Young women Family farming. Passage of the patrimony.

Introdução

A agricultura familiar é a categoria com maior expressividade de propriedades a nível mundial, caracterizando-se por pertencer e ser administrada por um ou mais membros de uma família (MACDONALD; KORB; HOPPE, 2013). É crescente a preocupação acerca da continuidade das propriedades rurais familiares. Para sua continuidade, esta categoria depende do sucesso no processo de passagem de patrimônio para a geração seguinte e da permanência de, ao menos, um membro da família a frente dos trabalhos, da gestão da propriedade e que ampare os pais na velhice (BOSCARDIN; CONTERATO, 2017).

Porém, as famílias rurais estão com dificuldades para concretizar o processo de sucessão das propriedades, gerando um problema social e econômico (BOSCARDIN; CONTERATO, 2017). Diante disto, pesquisas na temática “sucessão rural” se relacionam com as perspectivas de futuro das propriedades rurais. A atenção aos jovens rurais, agentes considerados “chave” neste processo de sucessão rural, se mostra fundamental (ONUBR, 2016; BREITENBACH; CORAZZA, 2019).

Todavia, além da heterogeneidade com que a juventude rural brasileira é composta (GALINDO, 2019), existem, no Brasil e internacionalmente, disparidades de gênero no processo sucessório (HEREDIA; CINTRÃO, 2006; REDIN et al., 2013; DEERE; LÉON, 2003). Destacam-se: a divisão sexual do trabalho agrícola; os pais preferem os filhos homens como sucessores (FARIA, 1995; MENASCHE et al., 1996; SILVA, 2019; REDIN et al., 2013; DEERE; LÉON, 2003); a diferenciação de condições de vida, de tratamento, de reconhecimento, remuneração, autonomia e oportunidades entre homens e mulheres na agricultura (HEREDIA; CINTRÃO, 2006).

Esta perspectiva de gênero está presente desde a infância das mulheres. Esta tradição patriarcal é encontrada na agricultura brasileira (ANJOS; CALDAS; COSTA, 2006), latino-americana (KESSLER, 2005), australiana (CROCKETT, 2004; ALSTON, 2004), e indiana (GUPTA, 1987). Como resultado, valoriza o trabalho masculino em detrimento do trabalho feminino, ao qual são delegadas atividades não geradoras de renda ou é considerado como ajuda. Isto gera exclusão das mulheres do processo sucessório (MALÁN, 2016).

Aliado a estes cenários, no meio rural do Rio Grande do Sul (RS)/Brasil ocorre a intensificação da masculinização; o êxodo seletivo das mulheres na faixa etária de 15 a 24 anos; a redução da taxa de natalidade e o aumento populacional de idosos; bem como população predominante masculina de jovens com idades de 15 a 29 anos (FROEHLICH et al., 2011; CORAZZA; DEMAMAN; BREITENBACH, 2015). Estes fatores podem comprometer o processo sucessório das propriedades rurais, bem como interferir na dinâmica social e produtiva deste meio (TROIAN; BREITENBACH, 2018).

Complementar a isso, muitos jovens têm motivações para um futuro laboral fora do meio rural, sendo as principais: dificuldades e incertezas relacionadas ao trabalho agrícola; mais possibilidades de inserção no trabalho urbano; facilidade de acesso ao estudo e às comodidades no meio urbano (CASTRO et al., 2013). O desejo de morar, estudar e trabalhar na cidade, para muitos jovens, supera as expectativas de futuro no meio rural. Este cenário é observado em pesquisas anteriormente desenvolvidas, bem como observações da realidade estadual. Em consequência disso, surge a inquietação com este tema, seja nas famílias rurais ou na comunidade acadêmica. Especificamente para os pais que precisam de sucessores agora ou no futuro, predomina a preocupação e incertezas quanto ao futuro dos filhos e das propriedades rurais. Já nos filhos, se faz presente a insegurança no que tange a sucessão geracional da propriedade e ao seu futuro financeiro e profissional.

Levando em consideração as problemáticas de sucessão rural e gênero, as questões norteadoras deste projeto foram: *Como está evoluindo a diferença de gênero na permanência no campo e sucessão na agricultura do RS? Quais são os principais fatores que influenciam as jovens mulheres a permanecer ou sair da agricultura?*

O objetivo geral deste trabalho foi identificar se as jovens mulheres rurais do RS projetam seu futuro no campo, pretendem ser sucessoras das propriedades rurais de sua família, ou se vislumbram um futuro no meio urbano. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar os fatores que influenciam na permanência das jovens mulheres no campo e na sucessão familiar; b) quais as diferenças existentes entre gênero masculino e feminino no que diz respeito à migração, à sucessão e às suas motivações.

Jovens rurais e permanência nas propriedades rurais

A socialização dos sucessores, desde crianças, com as atividades e a rotina do dia-a-dia da propriedade rural são fatores que auxiliam positivamente no processo de transferência de gestão, de patrimônio e conseqüente sucesso da sucessão rural (MALÁN, 2016). Esse aspecto também corrobora para que os sucessores optem por estudos em áreas ligadas às ciências agrárias (BREITENBACH; CORAZZA, 2019). Além disso, o sucesso do processo sucessório se relaciona com o investimento dos patriarcas na propriedade (VIIRA; PÖDER; VÄRNIK, 2014), sendo uma motivação ao jovem que visualiza na propriedade a possibilidade de um futuro próspero.

Por outro lado, o êxodo das jovens mulheres rurais tem motivações específicas, dentre elas: o incentivo que recebem da família para formação educacional e o não incentivo à permanência no campo; processo de modernização na agricultura que acarretou na desvalorização da mão de obra feminina nas operações agrícolas; por não terem perspectiva de chefia e autonomia; e não serem as mais cogitadas para receberem a herança da terra (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; ANJOS; CALDAS, 2005; BRUMER, 2004).

A agricultura da região Sul do Brasil é uma das mais masculinizadas e envelhecidas (ANJOS; CALDAS, 2005). No Estado do RS 87,9% dos proprietários de estabelecimentos agropecuários são homens e apenas 12,1% são mulheres. Esse resultado demonstra o baixo protagonismo das mulheres enquanto gestoras e proprietárias rurais. Ainda, 3,6% do total de proprietários de estabelecimentos agropecuários têm idade inferior a 30 anos e 38,9% têm idade superior a 60 anos (IBGE, 2017). Levando em consideração que o jovem é a força renovadora para o desenvolvimento do meio rural e da forma familiar de organização do trabalho e da produção, em médio e longo prazo, este cenário representa o comprometimento do processo de sucessão da atividade agrícola, pondo em risco a sustentabilidade deste processo e da sociedade rural como um todo (BOSCARDIN; SPANEVELLO, 2018).

Isso já vem sendo observado na redução de 2% no número de propriedades familiares, quando comparado os censos agropecuários dos anos de 2006 e 2017. Além disso, teve redução na média de pessoas ocupadas por estabelecimento, que passou de 3,2 pessoas em 2006 para 3,0 pessoas em 2017 (IBGE, 2006, 2017). Evidenciam-se mudanças no padrão populacional das famílias, com queda nos níveis de fecundidade e a migração em direção as áreas urbanas (BOSCARDIN; SPANEVELLO, 2018).

Dessa forma, se considera fundamental desenvolver estudos para mapear interesses e demandas dos jovens rurais, a fim de dar suporte para esforços que incentivem os jovens a permanecer no campo com qualidade de vida e realização profissional. Consideradas as questões de gênero presentes em todas as esferas, investigar aspectos de distinções de gênero na agricultura e na sucessão geracional é imperativo. Por isso, o histórico rural de preferência pelo filho homem como sucessor em detrimento a mulher, pode influenciar na decisão dos jovens de sair ou permanecer no meio rural, bem como ser determinante para o futuro da agricultura. Tal aspecto foi contemplado no presente estudo. Considerou-se como parte de sua base teórica as discussões na seção a seguir “Gênero e sucessão rural na agricultura”.

Gênero e sucessão rural na agricultura

O casamento é uma das dimensões culturais mais importantes na análise da agricultura familiar. Existe uma tendência histórica de resistência das moças agricultoras em casar com homens do meio rural. Isso aumenta o êxodo rural feminino (STROPASOLAS, 2004),

As mulheres não visualizam no ‘interior ou cidade’ apenas opções de moradia, mas aproximam das noções de ‘independência e dependência’. Ou seja, não é pelo meio urbano em si que elas migram, em busca de uma melhor condição de vida, mas, especialmente, pela independência que esta escolha pode proporcionar (STROPASOLAS, 2004). Estas encontram no meio urbano maior autonomia, maior facilidade de inserção no mundo do trabalho e na sociedade. Isso é resultante da divisão de gênero que ocorre no trabalho das propriedades rurais e na família. O trabalho masculino é mais reconhecido e o trabalho feminino rodeado de preconceitos (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016; SILVA, 2019).

Encontra-se na literatura internacional e brasileira, o consenso sobre o baixo reconhecimento da mulher na agricultura (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016). Mundialmente, a divisão do trabalho agrícola em função do gênero, prefere o homem para as atividades agropecuárias e para exercer o papel de sucessor das propriedades, é o que ocorre de maneira geral nos países da América Latina, não excluindo o Brasil (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016; DEERE; LÉON, 2003). É também observado historicamente em diversos países da Europa, além de Estados Unidos da América e Austrália e em pesquisas específicas na Inglaterra (LOBLEY, 2010; SIMEONE, 2007; GLOVER, 2014). Essa preferência pelo homem se dá em função de tradições patriarcais, como por exemplo na América Latina (KSSELER, 2005) e na Índia (GUPTA, 1987), pela religião como na Austrália (SUESS-REYES; FUETSCH, 2016; CROCKETT, 2004), bem como pode ser resultante da cultura social, como na Índia (SHARMA; RAO, 2000).

Em alguns países há mudanças neste cenário, indicando a maior democratização na divisão de terras, como por exemplo na Argentina (NEIMAN, 2013). Está ocorrendo também, a inserção das mulheres na diversificação das atividades nas propriedades rurais no Canadá, através da inserção na agricultura orgânica, (HALL; MOGYORODY, 2007) e nos Estados Unidos da América, com a inserção das propriedades familiares no mercado de frutas processadas (INWOOD; SHARP, 2012). Já na Estônia, em propriedades onde o homem tem uma fonte de renda fora da propriedade, a mulher é protagonista nas atividades agrícolas que antes eram de domínio masculino (GRUBBSTRÖM; SOOVÄLI-SEPPING, 2012).

Nas pesquisas realizadas em literatura internacional, constatou-se que as políticas públicas são instrumentos promissores para que os jovens sejam incentivados a permanecerem nas atividades agrícolas. Na Europa estão as melhores e mais promissoras iniciativas em políticas públicas de incentivo à permanência dos jovens no campo. Mas ainda é necessário aprimorar a forma como são construídas e quais demandas direcionar tais políticas públicas. Afirma-se isso já que geralmente são elaboradas sem comunicação clara entre o governo e os agricultores e excluem participação efetiva dos jovens em sua criação e consolidação (VIIRA; PÓDER; VÄRNIK, 2014; ĐURIĆ; NJEGOVAN, 2015).

Metodologia

A presente pesquisa é mista, utilizou tanto a pesquisa quantitativa, quanto a pesquisa qualitativa. Uma pesquisa mista promove uma interação entre aspectos qualitativos e quantitativos, utilizando dados descritivos pertinentes ao problema pesquisado, complementando com dados quantitativos e análise estatística (COE, 2012). A análise qualitativa foi ao realizar pesquisa bibliográfica, utilizada para construção da teoria base do trabalho, para debater, explanar e cotejar os resultados da pesquisa quantitativa, conforme orienta Creswell (2007). Já o aspecto quantitativo se deu a partir de dados de investigação empírica, com questionário fechado, sequente tabulação dos dados e análise estatística.

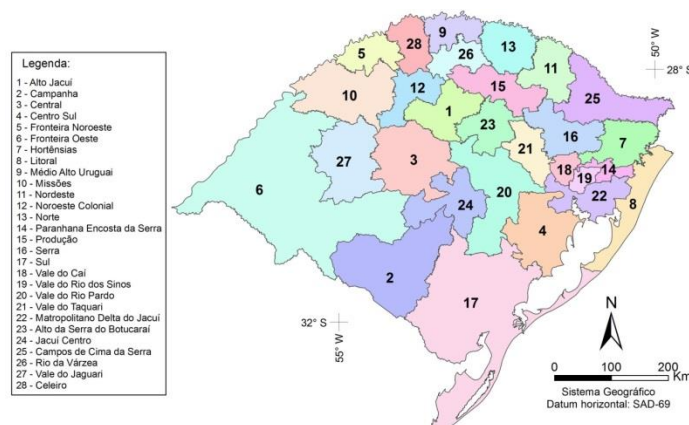
A seguir são apresentados os principais aspectos metodológicos da presente pesquisa:

- a) **Período de realização da pesquisa empírica:** Semestre 2/2018;
- b) **Público alvo da pesquisa:** Jovens rurais, filhos de agricultores, com idades entre 14 e 21 anos, estudantes de ensino médio de escolas municipais, estaduais e federais do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, de todas as regiões do estado. A escolha do público alvo foi devido ao processo que ocorre desde 1940, em que os jovens rurais tendem a deixar o meio rural e migrar para o meio urbano (CASTRO et al., 2013). A faixa etária justifica-se pela histórica transformação no perfil das pessoas que migram para a cidade, ou seja, vem reduzindo a idade dos migrantes e aumentando as chances de jovens com menos de 20 anos saírem do campo (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; IBGE, 2010).
- c) **Nível de escolaridade escolhido:** O período escolar do ensino médio é importante na vida dos jovens rurais. Ao finalizarem esse período escolar, terão de decidir qual profissão

seguir. Esse é o período em que definem se irão cursar ensino superior e em qual curso, sendo o momento em que podem optar por uma área ligada ao agronegócio ou traçar o futuro profissional em outra área (BREITENBACH; CORAZZA, 2017).

- d) **Delimitação geográfica do estudo:** No intuito de obter representatividade dos jovens rurais que cursam o ensino médio no RS, a pesquisa contemplou as 28 regiões dos COREDES (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). Dessa forma, os questionários foram respondidos em 56 municípios do estado e, respectivamente, 56 escolas de ensino médio. Estas foram selecionadas de forma intencional, considerando contemplar uma escola por município e dois municípios para cada região.

Figura 1: Divisão do Estado do Rio Grande do Sul com base nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento.



Fonte: Adaptado de Concelhos regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul-2008, por Fundação de Economia e Estatística [FEE], 2009, Mapas: FEE. Disponível em: http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/coredes_rs_2008.png. Acesso em: 23/06/2019.

- e) **Instrumento utilizado para coleta de dados na pesquisa empírica:** Os dados empíricos foram obtidos a partir de um questionário fechado, previamente elaborado, conforme orientação de Babbie (2003). A aplicação do questionário foi em sala de aula e direcionado a todos os estudantes no nível de ensino médio nas escolas selecionadas. O questionário foi composto por sete blocos de perguntas, baseando-se em Breitenbach e Corazza (2017, 2019), como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Organização do questionário utilizado para coleta de dados.

Blocos	Objetivos
Bloco 1	Identificar o perfil dos jovens: Idade; gênero; estado civil; reside com os pais;
Bloco 2	Reconhecer o perfil da propriedade: Tamanho; localização; atividades; núcleo familiar;
Bloco 3	Identificar as intenções de formação acadêmica e de sucessão rural: Pretensão em ingressar na faculdade, em permanecer na propriedade após o ensino médio, em ser gestor e sucessor e em morar no meio urbano; motivação dos pais para cursar faculdade e permanecer no meio rural;
Bloco 4	Identificar o incentivo recebido pelos jovens para a sucessão rural e para permanecer no meio rural; incentivo financeiro e motivações para permanecer no meio rural;
Bloco 5	Identificar aspectos relacionados a participação dos jovens na gestão, trabalho e sucessão rural: Participação no trabalho, gerenciamento e tomada de decisões na propriedade;
Bloco 6	Elencar condicionantes da permanência no meio rural: Dificuldades, incertezas e valorização do trabalho agrícola; programas sociais e políticos; valorização das tradições familiares; demora no processo de sucessão; várias gerações na mesma terra; lazer; alimentação e moradia.

Fonte: Elaboração dos autores.

- f) **Participação na pesquisa:** Para participar da pesquisa, os jovens estudantes se autodeclararam como jovens rurais, com relações diretas com o meio rural, vivendo em família de agricultores e com renda provinda das atividades agrícolas.

- g) **Respondentes:** O número de respondentes foi 743 jovens rurais.
- h) **Tabulação dos dados e análise estatística:** Os dados obtidos a partir dos questionários foram tabulados em planilha desenvolvida no Microsoft Office Excel®. A análise estatística foi realizada com o programa estatístico PSPP. Este programa é livre e utilizado como alternativo ao SPSS (*Statistical Package for Social Science for Windows*). Com ele podem ser feitas análises univariadas e bivariadas nas Ciências Sociais (FONSECA; FARIAS, 2011). As análises estatísticas realizadas estão descritas no Quadro 2.

Quadro 2: Análises estatísticas realizadas na presente pesquisa e correspondentes descrições.

Análises	Descrição
Análise descritiva	Análise da frequência das variáveis consideradas em cada questão do questionário fechado;
Análise bivariada	Realizada a partir do teste Qui-Quadrado, para identificar a correlação entre duas variáveis categóricas e avaliar a existência de independência entre duas variáveis qualitativas. Nessa análise foram cruzadas todas as variáveis entre si. O teste de independência do Qui-Quadrado considera que as hipóteses são analisadas conforme segue: H0: Não há correlação entre as variáveis; H1: Existe correlação entre as variáveis. Para o teste do Qui-Quadrado considerou-se o nível de significância para aceitar ou rejeitar a hipótese H0 de $p < 0,05$.

Fonte: Elaboração dos autores.

- i) **Análise e discussão dos resultados:** Essa etapa utilizou-se dos dados qualitativos reunidos a partir de pesquisa bibliográfica, com os quais foram discutidos os dados quantitativos, corroborando ou contrastando os resultados da investigação empírica.

Resultados e Discussões

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos através da pesquisa com 743 jovens rurais que cursavam, em 2018, o ensino médio em 53 escolas no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Os resultados, seguidos de discussões embasadas em pesquisas bibliográfico-científicas nacionais e internacionais, subdividem-se em três seções, conforme segue.

Perfil dos jovens participantes da pesquisa e seus interesses de estudo e sucessão rural

Na presente pesquisa, dos 743 jovens participantes, com idades entre 14 e 21 anos, 46,7% são jovens mulheres e 53,3% jovens homens. No Brasil a faixa etária de 10 a 24 anos tem 50,41% de jovens do gênero masculino (IBGE, 2010). Corrobora para isso que a taxa bruta de natalidade no Brasil tem diminuído com o passar dos anos. Em 2000 era de 20,86 (por mil habitantes), enquanto para 2015 a projeção era decair para 14,16 (por mil habitantes) (IBGE, 2013). Isso incentiva maior discussão recente acerca da sucessão familiar, bem como alerta para a importância de as propriedades zelarem e prezarem pelo adequado processo sucessório.

A continuidade das propriedades rurais está ligada ao processo de sucessão familiar rural. Esse processo se determina pela passagem da propriedade, dos bens tangíveis e intangíveis, da geração mais velha para a geração mais nova. A seguir, na Figura 2 e 3, serão apresentadas as intenções de profissionalização dos jovens do RS, o interesse dos jovens permanecer na propriedade rural, com foco especial para as diferenças de gênero.

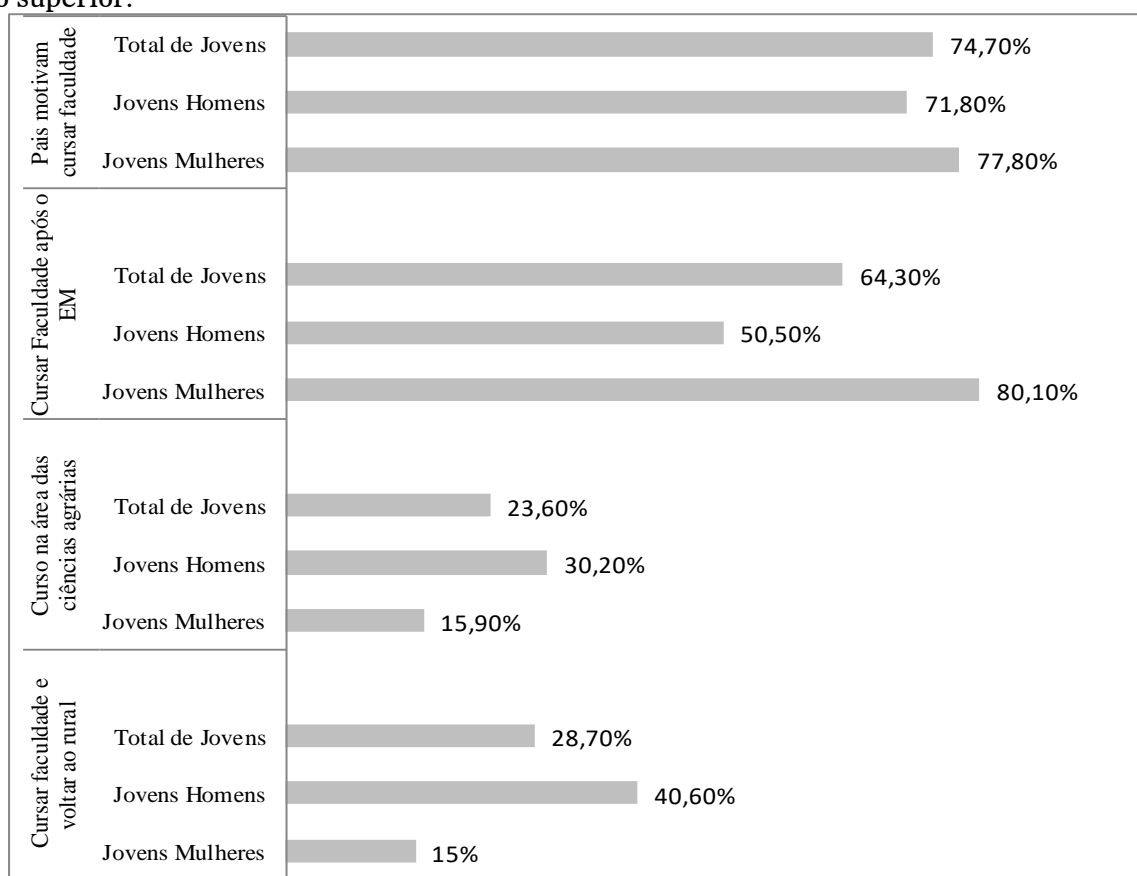
Observa-se que 74,7% do total de jovens se sentem muito motivados pelos pais a cursar faculdade, o que se mantém para 71,8% dos jovens homens e 77,8% das jovens mulheres. Contudo, após a conclusão do Ensino Médio, 64,3% dos jovens têm interesse em ingressar em uma faculdade e 24,2% ainda não decidiu. Para jovens mulheres, 80,1% pretendem cursar faculdade enquanto 50,5% dos jovens homens têm este interesse.

Desses jovens que querem cursar a faculdade, apenas 30,2% dos jovens homens e 15,9% das jovens mulheres querem fazer cursos na área das ciências agrárias. Já o retorno para a propriedade rural após a faculdade é a intenção de 40,6% dos jovens homens e 15% das jovens mulheres. O incentivo para a educação agrícola é fundamental para ampliar os interesses e as intenções dos jovens em permanecerem no meio rural. Se considerada a experiência da Irlanda, este tipo de educação (agrícola) está ganhando cada vez mais força, sendo impulsionada pelos instrumentos de políticas de financiamento, que propiciam o treinamento para os futuros agricultores (MCKILLOP; HEANUE; KINSELLA, 2018).

Ainda, as pesquisas nacionais e internacionais apontam que os jovens que optam por realizar um curso relacionado à área agrícola têm mais chances de retornar ao meio rural, se comparado a jovens rurais da mesma faixa etária que não realizam curso relacionado a esta área do conhecimento (CAVICCHIOLI et al., 2015; POTTER; LOBLEY, 1996; BREITENBACH; CORAZZA, 2017).

A profissionalização é fator positivo para o futuro na agricultura. O crescente incremento tecnológico aumenta a demanda por profissionais que saibam gerir e selecionar as informações pertinentes para o crescimento e aperfeiçoamento da propriedade rural (BREITENBACH; CORAZZA, 2019). Porém, no Brasil o percentual de proprietários rurais que não sabem ler nem escrever é de 23,1%, enquanto no RS este percentual é de 3,6% (IBGE, 2017). Já os proprietários que têm escolaridade em nível superior são 5,55% no Brasil e 6,17% no RS (IBGE, 2017). Se comparado com 2006, o percentual de agricultores com graduação aumentou, pois era de 2,82% no Brasil e 3,22% no RS (IBGE, 2006).

Figura 2: Motivação dos jovens no Rio Grande do Sul para cursar faculdade após o Ensino Médio, bem como para se inserir em curso das ciências agrárias, e voltar ao meio rural após a conclusão do curso superior.



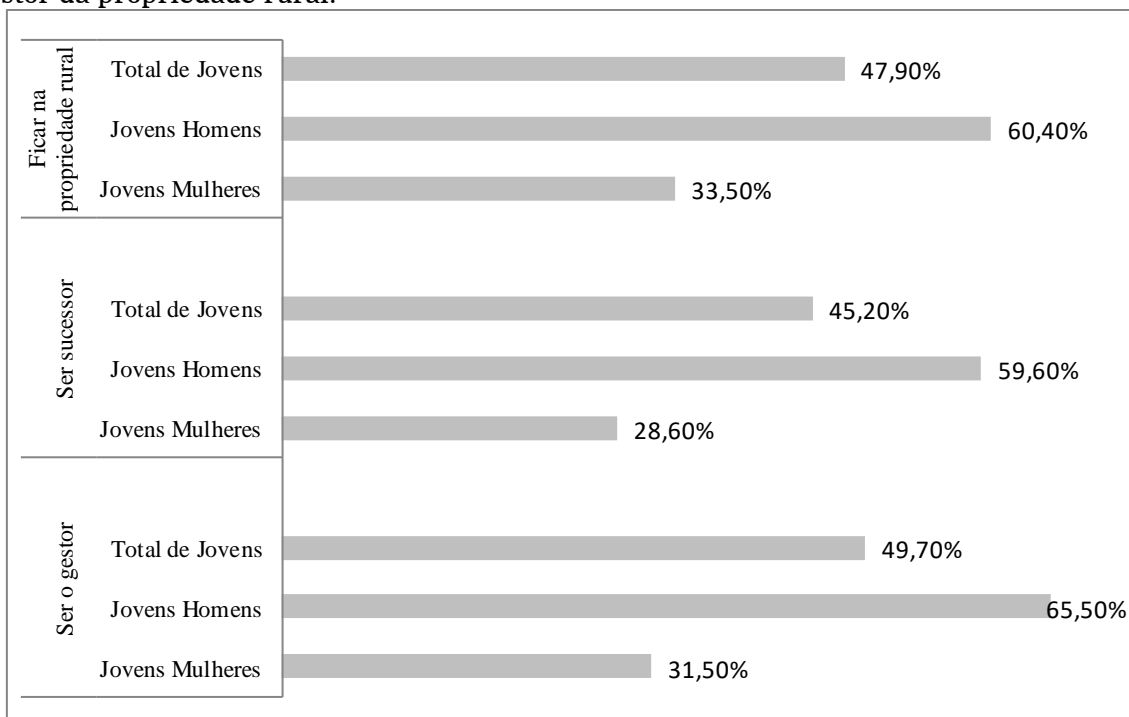
Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Referente ao interesse dos jovens em permanecer na propriedade rural, ser o sucessor e ser o gestor da propriedade, apresenta-se a Figura 3. Observa-se que as jovens mulheres têm menos interesse em permanecer na propriedade dos pais. Esse mesmo panorama pode ser observado por Breitenbach e Corazza (2019) e Heredia e Cintrão (2006). Apenas 33,5% do total de jovens mulheres têm alto interesse em permanecer na propriedade e no meio rural, 28,6% têm interesse em ser a sucessora da propriedade e 31,5% a gestora. Os jovens homens demonstram mais interesse em todos os aspectos relacionados na Figura 3.

Parte disso deve-se ao fato de que as mulheres estão em situação de desvantagem e têm o protagonismo minimizado nas atividades da propriedade rural (ABRAMOVAY et al., 1998; BREITENBACH; CORAZZA, 2019). Permanecem como ajudantes, cuidando dos afazeres domésticos ou com menor participação nas atividades geradoras de renda da propriedade, sem remuneração ou reconhecimento, sofrendo preconceitos de gênero, o que traz desmotivação (DEERE; LÉON, 2003; KESSLER, 2005; GRUBBSTRÖM; SOOVÄLI-SEPPING, 2012; BREITENBACH; CORAZZA, 2019).

Por consequência, ocorre maior autonomia e participação dos jovens homens na propriedade (SUESS-REYES; FUETSCH, 2016).

Figura 3: Perspectivas dos Jovens do Rio Grande do Sul em permanecer no meio rural, ser o sucessor e o gestor da propriedade rural.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Hall e Mogyorody (2007), em estudo no Canadá, e Inwood e Sharp (2012) nos Estados Unidos da América, enfatizam a importância que as mulheres têm ganhado em atividades de gestão das propriedades com diversificação de atividades. Nesses casos, ocorre maior inserção da mulher, dando maior visibilidade, incentivo e valorização ao papel que elas desempenham na propriedade, fomentando o interesse destas em permanecer no meio rural (VIIRA; PÓDER; VÄRNIK, 2014; SUESS-REYES; FUETSCH, 2016).

Fatores que influenciam na permanência dos jovens no campo e no interesse pela sucessão familiar

A partir de pesquisas como as de Prediger (2009), Castro et al. (2013), Brumer (2007), Breitenbach e Corazza (2017), Viira, Pöder e Värnik (2014), Calus (2009) e Conway et al. (2016), etc. foram selecionados alguns aspectos que motivam os jovens a sair ou ficar no meio rural. Estes foram utilizados como base para a construção do questionário e confrontados com os jovens rurais do RS para que se posicionassem acerca dos distintos fatores.

O Quadro 3 traz, em ordem de importância, os condicionantes que contribuem para a permanência ou não no campo dos jovens rurais do RS. Ainda, apresenta os fatores por gênero.

Quadro 3: Condicionantes que motivam os jovens do Rio Grande do Sul a sair ou ficar no meio rural.

	Condicionantes	% de jovens motivados		
		Total dos Jovens	Jovens Mulheres	Jovens Homens
Motivos para sair do campo	Mais possibilidade de estudo, emprego e crescimento profissional fora do campo.	45,2	60,7	31,7
	Trabalho na agricultura pouco valorizado.	37,8	45,7	30,7
	Falta de incentivo de políticas públicas.	30,8	34,7	27,7
	Desvalorização do trabalho feminino no meio rural.	29,2	41,9	18,3
	Incertezas referentes às atividades agrícolas.	29,1	38,2	21,1
	Falta de lazer, acesso à internet e facilidades urbanas.	27,9	35,8	21,1
	Baixa remuneração das atividades que desenvolve no campo.	27,7	33,5	22,6
	Baixo investimento na propriedade (tecnologias e melhorias).	27,2	31,5	23,6
	Dificuldade em constituir família no meio rural.	23,0	22,8	23,1
	Não gosta da agricultura.	21,1	30,9	12,7
	Reclamações dos pais acerca da profissão de agricultor.	20,5	26,3	15,2
	Quantidade de área de terra de seus pais (pouca).	19,8	22,0	18,0
	Baixo incentivo dos pais para permanecer no campo.	19,3	23,4	15,5
	Falta de autonomia na tomada de decisão da propriedade.	16,5	22,0	11,9
	Três gerações ainda na propriedade.	10,9	13,6	8,6
	Agricultura não dá dinheiro.	10,0	11,3	8,9
Vergonha de ser agricultor.	5,4	4,3	6,4	
Motivos para ficar no campo	Lazer e tranquilidade no campo.	80,2	80,0	80,5
	Qualidade de vida no campo.	78,5	80,1	76,9
	Orgulho em ser agricultor.	72,4	70,2	74,4
	Alimentação e moradia barata.	72,1	70,8	73,1
	Agricultura como boa alternativa de renda.	70,1	65,0	74,6
	Relação de confiança com vizinhos e comunidade.	65,4	61,6	68,8
	Valorização das tradições familiares.	65,3	61,0	69,1
	Boa remuneração das atividades que desenvolve no campo.	64,3	60,7	67,5
	Gosta da profissão de agricultor.	63,3	52,6	72,6
	Investimento que os pais realizam na propriedade.	61,4	56,7	65,5
	Pais dão autonomia para participar das decisões da propriedade.	58,4	48,3	67,3
	Pais incentivam a permanecer.	56,8	46,3	65,7
	Quantidade de terra que os pais têm (suficiente).	56,8	49,1	63,2
Incentivo de órgãos privados e cooperativas.	54,0	48,0	59,4	
Incentivo de políticas públicas.	38,4	27,5	48,0	

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Pode-se constatar que a possibilidade de estudo, emprego e crescimento profissional fora do meio rural é o fator que apresenta influência para a maioria dos jovens sair do meio rural, especialmente para as jovens mulheres. Posteriormente, destacam-se a pouca valorização do trabalho na agricultura, a falta de incentivo de políticas públicas, a desvalorização do trabalho feminino no meio rural e as incertezas referentes às atividades agrícolas, como fatores apontados pelos jovens, e em maior percentual por jovens mulheres, que mais contribuem para seu desejo de sair do meio rural.

Contudo, observa-se que o aspecto relacionado a ter vergonha em ser agricultor é algo que motiva apenas 5,4% dos jovens a sair do campo. Isto indica que o jovem, apesar de ter motivos para sair, orgulha-se da profissão de agricultor, uma vez que 72,4% dos jovens indicam a ligação emocional com a agricultura como motivo para ficar no meio rural.

Assim como no Brasil, na União Europeia o êxodo rural está relacionado à absorção dos trabalhadores agrícolas pelo setor não agrícola (OLPER et al., 2014). Muitos jovens pretendem sair do campo na Estônia, na Irlanda e na Bélgica, devido à falta de interesse na agricultura, baixo nível de conhecimento e experiência no trabalho agrícola, relutância dos agricultores mais velhos em dar espaço para os jovens, ou baixa viabilidade das explorações agropecuárias (VIIRA; PÓDER; VÄRNIK, 2014; CONWAY et al., 2016; CALUS, 2009).

Juntamente com o orgulho em ser agricultor, dentre os motivos elencados para o jovem ficar no campo, destacam-se: lazer, tranquilidade e qualidade de vida no campo; alimentação e moradia barata; agricultura como boa alternativa de renda; relação de confiança com vizinhos e comunidade; valorização das tradições familiares; boa remuneração das atividades no campo; gostar da profissão de agricultor; e alto nível de investimento que os pais realizam na propriedade (tecnologia e melhorias em geral).

O aspecto que apresenta menor percentual de motivação para o jovem ficar no campo é o incentivo de políticas públicas. Neste caso, Đurić e Njegovan (2015) recomendam, a exemplo da União Europeia, que haja maior grau de participação dos jovens no desenvolvimento de programas e políticas, possibilitando a simplificação de procedimentos administrativos e disponibilizando maiores informações. Além disso, é importante a ajuda dos programas nacionais de desenvolvimento rural, voltados ao encorajamento e suporte para o jovem rural permanecer no campo. Esses programas se concretizam através de treinamentos, aconselhamento e acesso à informação (ĐURIĆ; NJEJOVAN, 2015).

A escolha dos jovens entre ficar e sair do meio rural depende do contexto social e econômico familiar, mas também, do processo de sucessão (KESSLER, 2005). A população rural possui laços familiares típicos e ligação emocional com o campo, mantendo valores e tradições (DURSTON, 1998). Nesse caso, a terra é o principal elemento que une as pessoas, motivo de produção e reprodução de sucessivas gerações (ROMERO, 2012; JURADO; TOBASURA, 2012). Os laços e os sentimentos influenciam nas decisões de sucessão rural (GRUBBSTRÖM; SOOVÄLI-SEPPING, 2012), como observados na presente pesquisa.

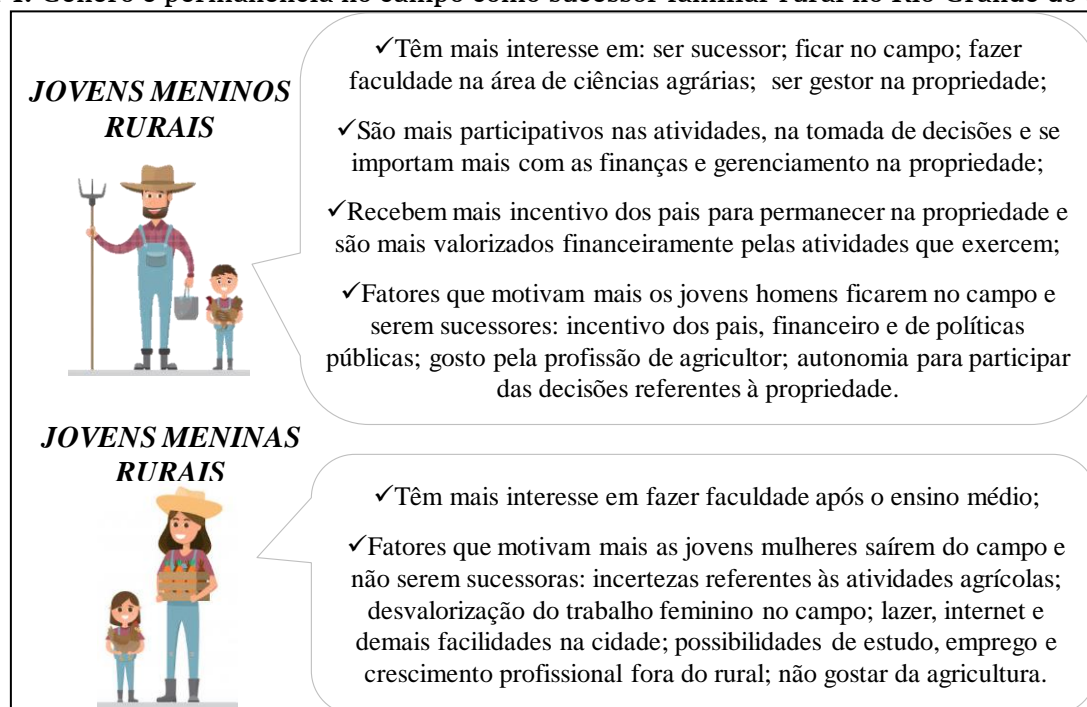
Gênero, permanência no campo e sucessão geracional no Rio Grande do Sul, Brasil

As pesquisas já alertaram que a participação dos jovens na tomada de decisões e nas atividades agrícolas das propriedades, influencia positivamente o jovem a permanecer no meio rural (FISCHER; BURTON, 2014; SIMEONE, 2007). No caso estudado, 28,1% dos jovens têm alta participação na tomada de decisões das propriedades, enquanto 48,1% ajudam nas atividades agropecuárias. Analisando por gênero, 40,6% e 69,0% dos jovens homens participam respectivamente da tomada de decisão e das atividades operacionais. Já em relação às jovens mulheres, 13,9% participam nas tomadas de decisão e 23,7% participam das atividades.

Outro aspecto que pode motivar o jovem a permanecer no meio rural é o incentivo que recebe dos pais para permanecer na propriedade. Na análise por gênero é notório o maior incentivo para os jovens homens. Por parte da mãe, 22,5% das jovens mulheres recebem alto incentivo, contra 43,4% dos jovens homens. Por parte do pai, o incentivo é alto para 32,1% das jovens mulheres e 55,1% dos jovens homens. Contudo, 38,2% dos jovens atestam que se sentiriam mais motivados e confiantes a permanecer no campo se tivessem mais incentivo dos pais (46,7% dos jovens homens, 28,3% das jovens mulheres).

Na presente pesquisa, ao correlacionar o fator *gênero* com os demais itens pesquisados, constatou-se que os jovens homens têm mais perspectiva de serem sucessores (Teste Qui-Quadrado $p < 0,05$), conforme apresentado na Figura 4. Os jovens homens têm mais desejo em continuar no campo e serem sucessores, consequência de um ambiente mais favorável para despertar esse desejo (Teste Qui-Quadrado $p < 0,05$). Os jovens homens gostam mais da profissão de agricultor, mas são mais valorizados financeiramente e mais incentivados pelos pais a continuar os trabalhos na agricultura. Já as jovens mulheres são mais influenciadas pelas incertezas do trabalho agrícola e sentem que seu trabalho não é valorizado no meio rural. Elas acreditam que o meio urbano proporcione maiores facilidades e oportunidades de lazer, estudo, emprego, crescimento profissional e autonomia.

Esta pesquisa constatou a significativa diferenciação de gênero nos jovens rurais do RS. As jovens mulheres têm menor autonomia, incentivo e desejo de permanecer no meio rural e serem sucessoras. Ao analisar a hierarquia por gênero e geração, as mulheres jovens ocupam posições inferiores de autonomia e poder de decisão no campo. Essas constatações já ocorreram no Brasil por Breitenbach e Corazza (2017) e Castro et al. (2013), por Deere e Léon (2003) na América Latina, por Grubbstrom e Sooväli-Sepping (2012) na Estônia e em Omaha/Nebraska por Carolan (2018), entre outros.

Figura 4: Gênero e permanência no campo como sucessor familiar rural no Rio Grande do Sul.

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Constata-se que as tradições de transferência de ativos tangíveis e intangíveis na agricultura familiar coordenam as decisões sobre quem vai ser o sucessor, sendo os filhos homens os preferidos. Breitenbach e Corazza (2019) alertam que essa diferenciação de gênero no meio rural do RS se inicia nas famílias, nas quais os pais dão maior incentivo para que os filhos permaneçam na propriedade, participem das atividades gerenciais e operacionais. Para a filha é dado estímulo para estudar e sair do meio rural.

Conclusão

A presente pesquisa tinha o objetivo de identificar se as jovens mulheres rurais do RS projetam seu futuro no campo, pretendem ser sucessoras das propriedades rurais de sua família, ou se vislumbram o futuro no meio urbano. Para tanto, foi apresentado como questionamento: Como está evoluindo a diferença de gênero na permanência no campo e sucessão na agricultura do RS? Quais são os principais fatores que influenciam as jovens mulheres a permanecer ou sair da agricultura?

Em resposta aos objetivos da pesquisa e aos questionamentos, constatou-se que existe diferença de gênero nos processos sucessórios do RS. As mulheres jovens rurais têm menos interesse em ser sucessoras e projetam o futuro no meio urbano. Por isso, pretendem, em maior número que os jovens homens, fazer faculdade após o ensino médio. Ainda, os fatores que influenciam as jovens mulheres a saírem da agricultura são as dificuldades que encontram no campo enquanto mulheres, como o não reconhecimento de seu trabalho e as maiores possibilidades de ascensão profissional e autonomia social no meio urbano.

Os jovens homens, por sua vez, têm maior interesse em serem sucessores e permanecer no campo. A maioria dos que planejam fazer faculdade têm a intenção de fazê-la na área de ciências agrárias para retornar para a propriedade dos pais. Eles são mais participativos nas atividades e têm mais interesse nos assuntos gerenciais da propriedade. Parte disso se explica pelo significativo maior incentivo que recebem dos pais para que sejam sucessores, a exemplo de maior valorização financeira pelas atividades que desempenham na propriedade, comparativamente às jovens mulheres. Ainda, conforme os resultados obtidos com a pesquisa, baseando-se no teste qui-quadrado, foi possível constatar que os jovens homens (72,6% deles) têm maior gosto pela profissão de agricultor (contra 52,6% das jovens mulheres) e maior oportunidade de participar das decisões da propriedade (40,6% dos jovens homens contra 13,9% das jovens mulheres).

Portanto, uma das principais dificuldades que afeta a sucessão geracional na agricultura do RS é a diferença de gênero que persiste no campo. A cultura patriarcal que predomina no meio rural desanima e não prepara as jovens mulheres para a sucessão, faz com que se sintam desvalorizadas e projetem um futuro pessoal e profissional fora do campo. Elas desejam autonomia decisória e financeira, as quais não encontram no meio rural. As jovens não almejam para elas o destino de muito trabalho e pouco reconhecimento e autonomia.

Por outro lado, é notória uma transformação neste aspecto no meio rural, uma vez que o patriarcado nas áreas rurais brasileiras está reduzindo. Ainda, a superioridade masculina não é mais absoluta no meio rural e vem sendo questionada pelas organizações e pelas próprias mulheres do campo. Embora o cenário ainda não seja ideal, está em transformação positiva.

Por fim, espera-se que essa pesquisa sirva de base para outros estudos, bem como para desenvolver e orientar políticas públicas tanto estaduais, quanto nacionais, uma vez que foi possível elencar fatores determinantes à permanência de jovens no campo, com destaque para questões de gênero. Ainda, entidades de assistência técnica podem se embasar nos resultados deste estudo a fim de incrementar programas de educação e extensão rural, bem como fomentar trabalhos que possam incentivar a permanência de jovens no campo.

Referências

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I. T.; FERRARI, D.; TESTA, V. M. **Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Edição UNESCO, 1998.

ALSTON, M. Who is Down on the Farm? Social Aspects of Australian Agriculture in the 21st Century. *Agriculture and Human*, v. 21, n. 1, p. 37-46, 2004.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. *Ensaio FEE*, v. 26, n. 1, p. 661-694, 2005.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V.; COSTA, M. R. C. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. *Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, n. 44, 2006. CD ROM.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa em survey**, 2. ed.. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BOSCARDIN, M.; SPANEVELLO, R. M. Dinâmica Demográfica da População Rural: Um Estudo de Caso na Microrregião e Município de Frederico Westphalen/RS. *Extensão Rural*, Santa Maria, v. 25, n. 2, pp. 73-91, abr./jun. 2018.

BOSCARDIN, M.; CONTERATO, M. A. As mudanças nos padrões sucessórios e suas implicações no destino das propriedades entre agricultores familiares no norte do Rio Grande do Sul. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 25, n. 3, 2017.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. *Revista Espacios*, v. 38, n. 29, p. 9, 2017.

_____. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 17, n. 2, p. 1-34, 2019.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

_____. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. *In: Carneiro, M. J.; Castro E. G. De (org.). Juventude Rural em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-52.

CALUS, M. **Factors explaining farm succession and transfer in Flanders**. Ghent: Ghent Universit, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1854/LU-539073>. Acesso em 07/08/2019.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Texto para discussão Nº 621 do IPEA- Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada**, Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAROLAN, M. Lands changing hands: Experiences of succession and farm (knowledge) acquisition among first-generation, multigenerational, and aspiring farmers. **Land Use Policy**, v. 79, p. 179-189, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2018.08.011>

CASTRO, A. M. G. DE; LIMA, S. M. V.; SARMENTO, E. P. DE M.; VIEIRA, L. F. **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

CAVICCHIOLI, D.; BERTONI, D.; TESSER, F.; FRISIO, D. G. What Factors Encourage Intrafamily Farm Succession in Mountain Areas? **Mountain Research and Development**, v. 35, n. 2, p. 152-160, 2015.

COE, R. The nature of educational research – exploring the different understandings of educational research. In: Arthur, J.; Waring, M.; Coe, R.; Hedges L. V. (Eds.). **Research Methods and Methodologies in Education**. London: Sage, 2012. p. 5-14.

CONWAY, S. F.; MCDONAGH, J.; FARRELL, M.; KINSELLA, A. Cease agricultural activity forever? Underestimating the importance of symbolic capital. **Journal of Rural Studies**, n. 44, p. 164-176, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.01.016>

CORAZZA, G.; DEMAMAN, F.; BREITENBACH, R. Migração Rural Urbana: Discussões Preliminares. In: Ribeiro, E. F; Neto, A. A. dos S.; Caldas, S. W.; Costa E. H. M. (org.). **I Congresso Brasileiro de Pesquisa & Desenvolvimento do Agronegócio**, Passo Fundo: UPF, 2015. p. 72-76.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos** (2. ed.). Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROCKETT, J. The nature of farm succession in three New South Wales communities. **Australian Farm Business Management Journal**, v. 1, n. 1, p. 14-27, 2004.

DEERE, C. D.; LÉON, M. Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina. **Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 100-153, 2003.

ĐURIĆ, K.; NJEGOVAN, Z. Mechanisms of support for the young rural population in the european union. **Economics of Agriculture**, v. 62, n. 4, p. 1003-1016, 2015.

DURSTON, J. **Juventud y desarrollo rural: Marco conceptual y contextual**. Santiago de Chile: CEPAL-División de Desarrollo Social, 1998. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/6257/1/S9800085_es.pdf. Acesso em: 08/07/2019.

FARIA, N. **Gênero como marco conceitual para entender a opressão das mulheres**. São Paulo, SOF: Sempreviva Organização Feminista, 1995.

FISCHER, H; BURTON, R, J. F. Understanding Farm Succession as Socially Constructed Endogenous Cycles. **Sociologia Ruralis**, v. 54, n. 4, p. 417-438, 2014.

FONSECA, A. R.; FARIAS, R. G. de. O uso do software PSPP nas Ciências Sociais. **Anais Congresso Nacional Universidade, EAD e Softwer Livre**, v. 2, n. 2, p. 1-4, 2011.

- FROEHLICH, J. M.; RAUBER, C. da C.; CARPES, R. H.; TOEBE, M. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. **Ciência Rural**, v. 41, n. 9, p. 1674-1680, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-84782011005000124>
- GALINDO, E. Olhares sobre as juventudes do campo. In: Montechiare, R.; Medina, G. (org.). **Juventude e Educação: Identidades e Direitos**, São Paulo: FLACSO, 2019. p. 83-90.
- GLOVER, J. L. Gender, power and succession in family farm business. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 6, n. 3, p. 276-295, 2014.
- GRUBBSTRÖM, A.; SOOVÄLI-SEPPING, H. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. **Journal of Historical Geography**, v. 38, p. 329-339, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2012.03.001>
- GUPTA, M. das. Selective Discrimination against Female Children in Rural Punjab, India. **Population and Development Review**, v. 13, n. 1, p. 77-100, 1987.
- HALL, A.; MOGYORODY, V. Organic farming, gender, and the labor process. **Rural Sociology**, v. 72, n. 2, p. 289-316, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1526/003601107781170035>
- HEREDIA, B. M. A. de; CINTRÃO, R. P. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, v. 9, n. 8, p. 1-28, 2006.
- IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2006/segunda-apuracao>. Acesso em: 18/10/2019.
- _____. **Censo Demográfico de 2010: População por sexo e grupo de idade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>. Acesso em: 18/10/2019.
- _____. **Projeção da população no Brasil: Taxa Bruta de Natalidade por mil habitantes – Brasil – 2000 a 2015**, 2013. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-brutas-de-natalidade.html>. Acesso em: 18/10/2019.
- _____. **Censo Agropecuário 2017: Resultados Preliminares**, Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/resultados-censo-agro-2017.htm>. Acesso em: 18/10/2019.
- INWOOD, S. M.; SHARP, J. S. Farm persistence and adaptation at the ruraleurban interface: Succession and farm adjustment. **Journal of Rural Studies**, v. 28, n. 1, p. 107-117, 2012.
- JURADO, C.; TOBASURA, I. Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: ¿campo o ciudad? **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 10, n. 1, p. 63-77, 2012.
- KESSLER, G. **Estado del arte de la investigación sobre juventud rural en América Latina**. Argentina: Universidad Nacional General Sarmiento, 2005.
- LOBLEY, M. Conference Paper Succession in The Family Farm Business. **Journal Of Farm Management**, v. 13, n. 12, p. 839-851, 2010.
- MACDONALD, J. M.; KORB, P.; HOPPE, R. A. **Farm size and the organization of U.S. crop farming**. Washington: USDA, 2013.
- MALÁN, I. **La sucesión generacional en la fruticultura familiar de la región sur del Uruguay. Una mirada desde la perspectiva de género y generaciones**. [Tesis de Maestría] Universidad Autónoma de Madrid: Universidad Nacional de San Martín, 2016. Disponível em: <http://ri.test.unsam.edu.ar/xmlui/handle/123456789/105>. Acesso em: 15/10/2019.

MCKILLOP, J.; HEANUE, K.; KISELLA, J. Are all young farmers the same? An exploratory analysis of on-farm innovation on dairy and drystock farms in the Republic of Ireland. **The Journal of Agricultural Education and Extension**, v. 24, n. 2, p. 137-151, 2018.

MENASCHE, R.; TORRENS, J. C. S.; ESCHER, M. S.; BARGUIL, S. R. **Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite**. Curitiba: DESER - CEMTR/PR, 1996.

NEIMAN, M. La herencia: los/as hijos/as y el tránsito entre generaciones en la agricultura familiar de la región pampeana argentina. **Revista de Estudios Sociológicos**, v. 31, n. 93, p. 899-920, 2013.

OLPER, A.; RAIMONDI, V.; CAVICCHIOLI, D.; VIGANI, M. (2014). Do CAP payments reduce farm labour migration? A panel data analysis across EU regions. **European Review of Agricultural Economics**, v. 41, n. 5, p. 843-873. DOI: <https://doi.org/10.1093/erae/jbu002>

ONUBR. Organização das Nações Unidas no Brasil. **FAO: situação de emprego entre jovens rurais latino-americanos melhora, mas desafios permanecem**, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fao-situacao-de-emprego-entre-jovens-rurais-latino-americanos-melhora-mas-ha-desafios/>. Acesso em: 12/05/2019.

POTTER, C.; LOBLEY, M. Unbroken Threads? Succession and its Effects on Family Farms in Britain. **Sociologia Ruralis**, v. 36, n. 3, p. 286-306, 1996.

PREDIGER, S. Estado da Arte da Situação do Jovem Rural: a construção de identidades. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2009.

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. da; GUIMARÃES, G. M.; SANTOS, V. F. dos. Juventude rural e novas formas de sociedade mediadas pelas tic. **Signos do consumo**, v. 5, n. 2, p. 225-244, 2013.

ROMERO, J. Lo rural y la ruralidad en América Latina: categorías conceptuales en debate. **Psicoperspectivas. Individuo y Sociedad**, v. 11, n. 1, p. 8-31, 2012.

SHARMA, P.; RAO, A. S. Successor Attributes in Indian and Canadian Family Firms: A Comparative Study. **Family Business Review**, v. 13, n. 4, p. 313-330, 2000.

SILVA, M. R. da. Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar. **Braz. J. of Develop.**, v. 5, n. 3, p. 2095-2105, 2019.

SIMEONE, M. Le determinanti del trasferimento intergenerazionale in agricoltura: un'analisi empirica basata sulla stima di un modello probit. **Rivista Di Economia Agraria**, v. 4, p. 519-539, 2007.

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 253-267, 2004.

SUESS-REYES, J.; FUETSCH, E. The future of family farming: A literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies. **Journal of Rural Studies**, v. 47, p. 117-140, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.07.008>

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 4, p. 789-802, 2018.

VIIRA, F. H.; PÓDER, A.; VÄRNIK, R. Discrepancies between the Intentions and Behaviour of Farm Operators in the Contexts of Farm Growth, Decline, Continuation and Exit – Evidence from Estonia. **German Journal of Agricultural Economics (Online)**, v. 63, n. 1, p. 46-62, 2014.

VILLWOCK, A. P. S.; GERMANI, A. R. M.; RONCATO, P. E. dos S. Questões de Gênero no Mundo Rural e na Extensão Rural Brasileira. **Revista Alamedas**, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2016.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.